

A LEITURA E A ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Sandra Aparecida Pires Franco

Cristina Molinari

RESUMO: Este trabalho tem, como finalidade, apresentar um estudo sobre a formação de alunos leitores em uma Universidade do Norte do Paraná. Para tal, utilizaremos dados recolhidos por meio de questionários, realizados com os primeiros anos de pedagogia matutinos e noturnos. Em seus pressupostos teóricos, a pesquisa busca entender como se caracteriza o processo de formação de leitores ao longo de sua vida acadêmica. As análises permitem compreender como os sujeitos veem os espaços para leitura na Universidade e de que forma estes podem ajudar em sua formação. O tratamento dos dados foi de cunho interpretativista, utilizando-se dos procedimentos de análise textual e conteúdo temático. Para dissertarmos acerca do papel da leitura, utilizamos, entre outros teóricos, os estudos de Torres (2005), que afirma que os textos escolares são alheios às reais necessidades dos alunos. Os resultados indicaram que a universidade disponibiliza poucos espaços para a leitura e que estas, muitas vezes, são feitas com o intuito de se obter notas em testes ou de realizar trabalhos acadêmicos.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitores. Universidade. Formação docente. Escrita. Processos de ensino e de aprendizagem.

READING AND WRITING AT THE UNIVERSITY

ABSTRACT: This paper aims to present a study on the formation of a University student readers in northern Paraná. To this end, we will use data collected through questionnaires conducted with the first years of teaching, morning and night. In their theoretical assumptions, the research seeks to understand how to characterize the formation process of readers throughout their academic life. The analyses allow us to understand how the subjects see the reading spaces at the university and how they can help in their training. The treatment of data tended to be interpretive, using the procedures of textual analysis and thematic content. To discourse about the role of reading in the use of Torres (2005), who states that textbooks are unrelated to the real needs of the students, among other theorists. The results indicated that the university offers few spaces for reading, and they often are made in order to obtain test scores, or perform work.

Keywords: Reading. Training of readers. University. Teacher training. Writing. Processes of teaching and learning.

Introdução

A inspiração para a pesquisa aqui relatada surgiu da necessidade de intentar descobrir o que leva os alunos universitários a não lerem os textos propostos em sala de aula. Isso se deu no primeiro ano de Pedagogia, em que as dúvidas vieram por meio das dificuldades enfrentadas em sala de aula pelos professores.

No decorrer da história da educação, a leitura sempre esteve associada à ideia de ler por obrigação, para fazer um teste, memorizar os trechos e recitar para o mestre. Além disso, também servia como instrumento de verificação de tarefas, não se observando muitas vezes as dificuldades dos aprendizes, ou até mesmo a obtenção ou não de novos conhecimentos por eles. Diante disso, pretendemos trazer reflexões sobre quais motivações levariam os alunos a praticar o ato da leitura.

Nesse momento, a pesquisa vem como um meio para proporcionar esse processo de reflexão sobre as dificuldades enfrentadas por esses alunos e professores. Esse tipo de reflexão é relevante não somente para professores em processo de formação, mas também na formação continuada e até mesmo para professores em exercício.

Muito se têm discutido sobre a formação de leitores nas escolas e nas Universidades. Além disso, fala-se da dificuldade de todos, de forma geral, em escrever. Percebemos que a leitura tem uma longa história. Voltando ao passado, observa-se que os métodos de leitura foram diversos e variaram ao longo do tempo. Pesquisadores como Santo Agostinho, Dante Alighieri e outros pensadores da Idade Média conferiram à leitura um hábito valioso, distinguindo entre leituras podiam ser feitas em voz alta ou em silêncio. Este hábito guiou pesquisadores para estudos explorando a mente, tentando descobrir a distinção entre ambos, e até que ponto vai o poder de interpretação do leitor em um texto.

Neste estudo, procura-se investigar de que forma os alunos da Universidade acessam livros, periódicos, notícias locais, variedades, entre outros e como esta atividade contribui para o desenvolvimento da leitura dos alunos. Desta forma, será possível contribuir com questões inerentes à leitura e escrita de alunos na Universidade, propondo futuras mudanças para tal.

O corpus desse estudo são questionários previamente elaborados, com 27 questões ao todo, abrangendo diversos tópicos relacionados à leitura, porém, delimita-se esta pesquisa ao primeiro bloco de questões, devido à grande quantidade de dados.

Para apresentar os dados deste estudo, este trabalho foi organizado da seguinte maneira: primeiramente são apresentados teóricos que definem os pressupostos para essa pesquisa: Clandinin e Connelly (1995); Geraldi (2003); Manguel (1997); Torres (2005); Wittrock (1986); Butler (1998); Felder

(2002); Oliveira (2011); Penna (2007); Pineau (1983); Keefe (1989); Alvermann (1990); Mattos (2002); Unesco Orealc (1991). Em seguida, explicitamos a metodologia do trabalho por meio do detalhamento do material coletado para análise, dos procedimentos adotados para tal e, finalmente, algumas considerações são tecidas acerca dos resultados obtidos.

A relação entre a leitura, os espaços disponibilizados, o papel da Universidade, do aluno e do professor

Para que este estudo tenha uma melhor compreensão das análises obtidas e da fundamentação levantada por esse trabalho, é importante ressaltar alguns aspectos acerca do professor. Muitos autores dissertaram a respeito dos papéis a serem realizados pelo profissional da educação (OLIVEIRA, 2011) e seu papel em sala de aula.

Entre eles, Penna (2007) afirma que os professores precisam dar maior ênfase às habilidades individuais dos alunos, para facilitar e potencializar o aprendizado. Assim, os alunos poderão ter maior consciência do seu processo de aprendizagem e perceber de que forma aprendem melhor. A autora afirma, ainda, que há uma relação entre os estilos de aprendizagem e o desempenho do aluno nos diversos ambientes de ensino.

Primeiramente ela apresenta algumas definições tais como estilo de aprendizagem, a forma como alguém aprende e interage, combinando características físicas, emocionais, entre outras (KEEFE, 1989) e define estilo cognitivo de aprendizagem como um processo individualizado que pressupõe habilidades passíveis de serem desenvolvidas (FELDER, 2002). Considera vantajoso que o professor conheça as habilidades aparentes dos alunos para um melhor planejamento didático (BUTLER, 1998). A autora explora quatro dimensões no estilo de aprendizagem, a saber: cognitiva (onde se ordenam mentalmente as idéias); afetiva; fatores sociais, emocionais e fisiológicos (audição e visão); psicológica (força interior, individualidade) (BUTLER, 1998).

Outro aspecto também muito importante para o trabalho são os objetivos definidos para a educação no que se refere à aprendizagem e o papel que as instituições devem ter nesse processo, oferecendo métodos e capacitação aos envolvidos.

Penna (2007) também explora as comparações entre o ensino tradicional e aquele em que se utiliza a multimídia, afirmando que existem dois estilos cognitivos para a aprendizagem: os verbalizados e os visualizadores. Conhecer essas diferenças individuais enriquece e facilita o trabalho do professor.

Outros fatores também influenciam na aprendizagem, tais como a motivação e o ambiente. Pineau (1983) toma, como conceito de formação, uma atividade de aprendizagem em um espaço limitado em que há a construção de si próprio e, também, onde ocorre uma identificação entre esses polos. O autor afirma, ainda, que é nessa formação que ocorre a formação do eu e que, para compreender como cada pessoa se formou, é necessário encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Portanto, o espaço no qual o aluno desenvolve o hábito de ler, torna-se essencial para o seu desenvolvimento. Esses espaços são aqueles em que o leitor se sinta confortável, um lugar onde o ambiente esteja em sintonia com a leitura, pois sabemos que o prazer da leitura deriva, em grande medida, do conforto corporal do leitor (MANGUEL, 1997). Os livros precisam ter sabor no momento da leitura e este lugar é aquele onde a leitura ocorre sem interrupções.

Entende-se, portanto, que a formação ocorre por meio de trocas de experiências nas interações sociais e de aprendizagem, e ter acesso à formação do indivíduo é perceber a forma como este age, reage e interage em seus contextos, inclusive o da Universidade.

Percebe-se que a educação do século XX esteve atrelada à globalização e à facilidade de acesso à informação. A competitividade foi o foco, tendo como padrão o processo de desenvolvimento empresarial. Nesse momento, os cursos foram criados para suprir as necessidades do mercado. Por essa urgência em formar profissionais para a promoção do mercado de trabalho, promoveram-se vias mais rápidas para o acesso à educação (OLIVEIRA, 2011), trazendo baixos custos e racionalizando a educação.

Tomando como ponto de referência as mudanças ocorridas no âmbito educacional na América Latina nos últimos 20 anos, e tendo como aporte a Unesco/Orealc (1991), observa-se que algumas transformações ocorreram, tais como a introdução de elementos tecnológicos, enfoque no nível pré-escolar, o ensino da leitura, a aprovação automática, programas de educação bilíngue intercultural, atualização de currículos com ênfase na educação ambiental, prevenção ao uso de drogas, nutrição, educação para a paz. Porém, a crítica realizada ao documento se dá pelo fato de a sistematização se tornar complexa, uma vez que generaliza as informações. Sob esse aspecto, Torres (2005) argumenta que essas mudanças não atingem instituições governamentais como deveriam, pois estas ainda primam pelos velhos padrões de desenvolvimento de currículo, não havendo, portanto, profundas mudanças. Ainda segundo a autora, a maior parte da literatura produzida por essas instituições são reproduções de clássicos curriculares, levando a uma estagnação, o que aumenta a distância entre o saber da escola e o saber social do aluno.

Outro ponto que merece relevância é o papel da tecnologia. Esta, dentre as estratégias de melhoria da qualidade de ensino, vem chamando atenção. Com o invento do computador, o mundo das telecomunicações sofreu grandes mudanças. Não se tem mais problemas com a distância para a comunicação, uma vez que todos estão integrados em qualquer parte do

mundo. Passamos, nesse momento, a ter um mundo virtual, que nos permite estar em qualquer lugar a qualquer hora.

Essa mudança de significado no tempo trouxe ao homem moderno enormes mudanças. No entanto, percebe-se que essas transformações ainda não chegaram de forma satisfatória à escola, sendo que muitas têm seus currículos alheios ao mundo da internet. Sabemos que, hoje em dia, crianças e jovens acessam cada vez mais esse meio para realização das mais diversas atividades, inclusive a da leitura para realização de atividades escolares.

Quando falamos em leitura, sabemos que o ato de ler foi e continua sendo um grande desafio aos educadores em relação à crítica que a escola recebe, sendo muitas vezes rotulada como autoritária e controladora do saber. Porém, torna-se necessário e latente debater sobre o ato de ler na Universidade, para que mudanças sejam realizadas e que não fiquemos apenas na falácia de que os alunos não leem.

Segundo Wittrock (1986, p.127) “ler é um processo que reflete a construção do leitor de novos significados e sentidos da leitura”, pois quanto mais lemos, mais sabemos. No momento da leitura, recordamos, comparamos, trazemos à tona emoções de leituras anteriores. Com a leitura, ampliamos nossos desejos, e capacidades de criar significados. Não obstante, lemos para compreender ou para começarmos a compreender. Não podemos deixar de ler. “Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p.20).

No ato de ler, relembremos trechos já percorridos, repensamos histórias, aguçamos a criatividade, desenvolvemos o lúdico. Por isso, o leitor não somente constrói sua identidade cultural, mas também reconstrói o processo de resgate dessas histórias e textos já lidos. Sendo o homem um contador de histórias, ele consegue extrair o sentido do mundo através do que conta, e é a leitura também uma forma de saber, um instrumento capaz de construir significado e espaços de diálogo (CLANDININ; CONNELLY, 1995). Uma vez que o ato de ler antecede o de escrever, sem leitura não há história a ser contada, posto que é uma ferramenta importante para a construção dos significados em nossa sociedade, contribuindo para a escrita.

Muitos, porém, argumentam a respeito da complexidade do ato de ler, posto que a leitura envolve não somente o movimento dos olhos ou da boca, mas a mente e o cérebro como um todo. Pensando, então, que a leitura começa com os olhos, e que ler não é um processo mecânico de reconstrução de palavras, sabemos que os alunos são os maiores prejudicados quando se fala em falta de leitura, e são também os que se calam frente aos professores nas horas de confrontação. De acordo com Torres (2005, p.73),

A escola prioriza a língua escrita (ler e escrever) em detrimento da língua oral (escutar e falar), alegando que a primeira é mais complexa e requer maior sistematicidade na aprendizagem. Mesmo assim, sendo essa a missão escolar por excelência, o

fracasso da escola na alfabetização é um fato cada vez mais conhecido e documentado.

Assumindo o pressuposto de que é importante que a criança, desde os primeiros anos de vida, tenha contato com a leitura e exercite o hábito de ler e escrever por meio do ato de contar e inventar histórias brincar com as letras, os sons, as músicas (GERALDI, *et.al.* 2003), entendemos que é necessário rever os motivos de insucesso na alfabetização. Levando em conta esse aspecto, Torres (2005, p.73) observa que

[...] a leitura e a escrita perderam sua função social, ganhando autonomia sob a forma de um conhecimento que serve aos fins internos da instituição escolar: a escola está formando leitores de proveta, redatores de trabalhos escolares.

Vendo a leitura por esse prisma, percebe-se que a escola destrói o caráter social da leitura, e ler fora da escola não é mais um hábito, pois a leitura pela leitura não leva à construção do conhecimento. Nesse sentido, os textos escolares são os piores inimigos do aluno, pois são alheios às reais necessidades desse indivíduo (TORRES, 2005), visto que a leitura não deve ser apenas um meio para obtenção de notas em trabalhos escolares, mas um meio de adquirir conhecimento.

Os resultados do sistema educacional mostram, cada vez mais, o aumento do baixo nível de compreensão de leitura. Isso ocorre porque o ato de ler na escola é sinônimo de decodificação de palavras, pois é esta a habilidade ensinada aos alunos. No entanto, de acordo com Alvermann (1990), é preciso ensinar os alunos a compreender o que leem, estimulando suas capacidades cognitivas, de interpretação e de julgamento. Mais que isso, aos alunos cabe o aprendizado da argumentação para que, assim, compreendam a leitura.

Apesar de vivermos em um tempo de mudanças de toda ordem, a educação ainda se mantém conservadora. Alguns estudiosos argumentam que isso se dá porque mudar implica sofrer, dedicar-se, renunciar. Todos precisariam abandonar as práticas antigas e arriscar-se no desconhecido. Por esse e outros motivos, a ruptura do velho para o novo torna-se difícil. Essa ruptura, porém, não significa abandonar o velho e renegá-lo, mas usá-lo para o começo de uma prática transformadora.

Mattos (2002) define reflexão como um elemento favorável e fundamental para realizar transformações, sendo elas pequenas ou significativas. Perceber isso é o primeiro passo para transformação de condutas, caso se espere e se deseje essa transformação. Considerando-se que as mudanças na práxis percorrem o âmbito discursivo, é pela linguagem que se acompanha os caminhos por onde a reflexão e a ação se unem, e também é nela que se promove esse entrelaçamento (OLIVEIRA, 2010).

Percurso metodológico

O presente trabalho faz parte de um projeto maior, uma pesquisa interinstitucional que pretende, por meio de questionários, analisar como se dá a questão da leitura nos diversos cursos das Universidades participantes. Todavia, procuramos analisar como tem se realizado o hábito da leitura pelos alunos participantes da pesquisa e de que forma a Universidade tende a influenciar negativa ou positivamente nesse processo de aquisição da leitura.

O trabalho se encaixa no segmento de pesquisa qualitativa, uma vez que procura entender um fenômeno específico e em profundidade, por intermédio de interpretação, descrição e comparação. Isto, portanto, caracteriza-a como participativa e pouco controlável, desviando de estatísticas e regras, valendo-se da intuição e racionalidade (MARSON, 2007). Ao nos aproximar do objeto de estudo, é possível descrever uma determinada realidade, mesmo que esta se apresente de forma multifacetada.

O contexto escolhido para a coleta de dados foi uma Instituição pública do Norte do Paraná. O material documentado consiste em um questionário que contém 27 questões ao todo, estas variando de múltipla escolha a dissertativas, e divididas em 6 blocos. O primeiro bloco refere-se à leitura; o segundo à leitura e à escrita; o terceiro à internet; o quarto trata de fontes diversificadas; o quinto aborda a leitura hoje e há vinte anos; e, o sexto, e último, traz questões acerca da implicação dos métodos nos processos de alfabetização. Para respondermos as perguntas de pesquisa demos enfoque ao bloco I de perguntas.

Para a coleta dos dados, foram escolhidos dias alternados do mês de outubro de 2011, para que houvesse disponibilidade dos alunos no momento de obtenção das respostas em sala de aula, uma vez que o questionário demanda certo tempo para ser respondido. Para tal, instruções foram dadas previamente e tempo suficiente para realizarem a tarefa, não restringindo em momento algum as respostas dos alunos, de forma que estes tiveram a liberdade necessária para dar opiniões.

Após a coleta, os dados foram tabelados e, em seguida, foram realizados gráficos para melhor análise que seguirão no corpo do texto posteriormente. Tendo como foco perceber a concepção de leitura e de que forma a Universidade ajuda na formação de leitores, buscou-se responder as seguintes questões: (1) De que forma se dá o acesso à leitura pelos alunos, e em quais ambientes? (2) Por quais meios a Universidade tem proporcionado momentos para leitura?

O tratamento realizado aos dados foi de cunho interpretativista, utilizando-nos de procedimentos de análise textual, e procurando dar ênfase à dimensão social dos sujeitos, levando em conta o processo de formação. Para este trabalho, a análise dos dados focalizou o processo de reflexão na formação inicial dos estudantes em questão.

Para que se pudesse entender o significado de leitura e como esses alunos entendem os espaços para leitura, foi preciso realizar algumas tabelas para as quais os dados foram transferidos e, posteriormente,

colocados em gráficos. Em seguida, fez-se necessário comparar as respostas de todos os alunos dos primeiros anos de pedagogia, 89 ao todo, das onze perguntas do bloco I de perguntas, com o intuito de se chegar a uma média a qual foi usada para o debate em questão. Para melhor entendimento, os quadros abaixo sintetizarão a análise.

Análise e discussão

Para que o leitor pudesse ter uma melhor visualização dos dados, as perguntas foram separadas do quadro original e serão analisadas de forma independente. Em cada quadro, é possível observar as respostas de todos os alunos referentes aos quatro primeiros anos de pedagogia. No primeiro quadro, referente à primeira pergunta, a maior parte dos alunos respondeu que leem todos os dias.

Quadro 1 – Bloco I - I.1

1 - Com que frequência você lê?	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
Todos os dias	27
6 x por semana	07
5 x por semana	07
4 x por semana	11
3 x por semana	15
2 x por semana	06
1 x por semana	12
Em branco	03

Fonte: dados da pesquisa

Sabemos que, diferentemente do senso comum, todos dizem que lêem e isso se dá pelo fato de serem alunos universitários do primeiro ano de graduação, em que muitas leituras são exigidas para debate em sala de aula e para realização de provas e trabalhos. Porém, é preciso considerar o fato de que estes não podem e não devem ser os únicos motivos que levam à leitura, mas que a busca pelo conhecimento também seja parte desse processo (TORRES, 2005). É possível perceber que não são todos os alunos que têm a possibilidade de fazer leituras diárias, muitas vezes porque trabalham e o tempo escasso não propicia essa oportunidade.

Em relação à segunda pergunta sobre o tempo que esses alunos dedicam à leitura, as respostas foram equivalentes em quase todas as opções, como pode ser observado:

Quadro II – Bloco I – I.2

2 - Quanto tempo, em média, você se dedica à leitura, cada vez que lê?	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
De 5 a 10 minutos	14
De 11 a 20 minutos	13
De 21 a 30 minutos	13
De 31 a 40 minutos	15
De 40 a 60 minutos	17

De 1 uma ou mais	13
Em branco	03
Comentários	LIVROS E JORNAIS

Fonte: dados da pesquisa

A esse respeito, Oliveira (2011) argumenta que o tempo gasto por crianças e adolescentes à leitura tem diminuído por causa do invento da internet. A velocidade das informações e a forma multifacetada com que as recebemos nos dias de hoje nos fazem leitores menos atentos e não conseguimos mais fixar nossa atenção, por longo período, em apenas uma tarefa.

Dos 89 alunos que responderam a essa questão, 20% responderam que mantêm a leitura por até 10 minutos, e 15% responderam que leem por mais de uma hora. Destes, as leituras referidas são de livros e de jornais. No espaço direcionado aos comentários dos alunos, surgiram alguns tópicos relevantes. Dois dos alunos disseram que não ter tempo para leitura, pois as obrigações profissionais ocupam a maior parte do tempo disponível. Outros três alunos responderam que, quando surge um tempo livre para leitura, tentam aproveitar ao máximo as horas lendo textos exigidos pelo curso.

Na pergunta três, foi pedido aos alunos que assinalassem as opções sobre tipos de leitura, sendo que tinham a possibilidade de marcar mais de uma opção.

Quadro III - Bloco I - I.3

3 - Dentre as opções abaixo, qual/is você lê com maior frequência?	Número de alunos por resposta pré-estabelecida	3.1. Outro tipo de leitura? Qual?
Notícia local	51	Xerox
Policial	08	"Entretenimento"
Economia	02	Religioso"
Agronegócios	02	Revistas
Esportes	20	Jornal
Artes	14	Textos acadêmicos
Programação cultural	17	Curiosidades
Educação	66	Textos para as disciplinas
Ciência	12	Livros
Meio Ambiente	20	Artigos

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre as opções, as que se destacaram foram temas relacionados à educação, notícias locais, esportes e meio ambiente. Além disso, houve alunos que destacaram outros tipos de leitura, tais como artigos, textos direcionados para as disciplinas do curso universitário, curiosidades, entre outros.

Acreditamos que essa valorização por tópicos relacionados à educação ocorre porque os alunos, em sua maioria, já trabalham em escolas de Ensino Fundamental, e sentem necessidade de um envolvimento maior

com o tema. Além disso, por estarem em um curso direcionado para tal, os temas acabam por escolhê-los.

Dando continuidade à análise, temos na quarta pergunta os gêneros de livros que são adquiridos pelos alunos.

Quadro IV - Bloco I - I.4

4 - Você compra livros? Quais gêneros?	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
Educação	12
Ed. Infantil	04
Acadêmicos	06
Auto-ajuda	05
Filosóficos	00
Literatura	02
Religiosos	04
Psicologia	01
Suspense	05
Romance	19
Não	31

Fonte: dados da pesquisa

Embora muitos comprem romances e livros sobre educação, percebemos que a grande maioria não adquire livros. Dentre as respostas, 35% dos alunos não compram livro algum; 21% compram livros sobre religião; e 13% compram livros de educação.

Não podemos excluir o fator que leva esses alunos a não comprar livros. Um dos alunos assumiu que não tem o hábito da leitura, e outros disseram que não compram porque conseguem ler pela internet, ou tiram cópia dos livros, por ser mais barato. É possível dizer que muitos não compram livros devido ao alto custo e é provável, também, que as dificuldades financeiras enfrentadas por esses alunos interfiram na aquisição dos livros. A despeito dessa posição, a questão de número cinco, perguntou o porquê de não comprar livros. Os resultados foram os seguintes:

Quadro V - Bloco II - I.5

5 - Já teve vontade de adquirir um livro e não o fez? Por quê?	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
Dificuldades financeiras	35
Alto custo do livro	12
Falta de tempo	08
Não passei por isso	13
Sim	04
Em branco	02
Comentários	Sim, porque dá para baixar pela internet. Porque o <i>xerox</i> fica mais barato. Sim, mas não tenho o hábito de ler

Fonte: dados da pesquisa

Além do fator financeiro, chama atenção a quantidade de alunos que responderam não comprar livros, porque não dispõem de tempo para tal atividade. Contudo, aqueles que responderam afirmativamente não justificaram a resposta. A questão de número seis perguntou em que locais os livros comprados eram obtidos.

Quadro VI - Bloco II - I.6

6 - Ao comprar livros você utiliza	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
Livrarias	56
Internet	25
Sebo	08
Catalogo de compra	01
Xerox do livro	01
Não compro	06
Empréstimo	01
Em branco	06

Fonte: dados da pesquisa

Não podemos nos esquecer de que estamos falando da minoria que adquire livros, pois, como foi observado anteriormente, 35% dos alunos não compram nenhum livro. Durante a análise, o que se percebeu foi que, dentre os que compram, 59% o fazem em livrarias, enquanto 26% afirmam realizar compras pelo internet. Outros, porém, compram em catálogos ou sebos.

É inegável a relação entre a compra de livros e o hábito de ler. É essencial, ainda, lembrar o papel que a universidade tem na formação de leitores, uma vez que o curso em questão é voltado para formação de professores e estes serão o exemplo a ser seguido pelos futuros alunos e os alunos da pesquisa desejam tornar-se educadores. Acrescente-se a isso a opinião dos alunos em relação ao papel da universidade na contribuição para formação de leitores:

Quadro VII - Bloco I - I.7

7 - A Universidade contribui em sua formação como leitor	Número de alunos por resposta pré-estabelecida
Nunca	00
Muito pouco	03
Pouco	03
Médio	33
Acima da média	19
Suficiente	34
Em branco	02

Fonte: dados da pesquisa

O que pode ser percebido nesse processo de comparação é que há um consenso de que a Universidade contribui o suficiente, ou seja, na média, para a formação do leitor. Dentre os 89 alunos, 37% responderam que a Universidade contribui suficientemente para a formação de leitores, enquanto 36% afirmaram que a Universidade contribui em um nível médio, e os outros 27% foram divididos para o restante das opções.

Há que analisar, porém, que a seguinte questão está subdividida em duas partes, uma complementando a outra. A segunda parte refere-se às explicações dos alunos às respostas dadas anteriormente. Muito embora reconheçamos que o papel da Universidade é fundamental para a formação do leitor, observemos as opiniões dos alunos. Para melhor compreensão, dividimos as respostas em tópicos. Na sequência, algumas explicitações são citadas.

A interferência do *xerox* na leitura

Muitos alunos trouxeram à tona o papel que o *xerox* tem na Universidade, mais precisamente no curso em questão. Em relação ao hábito forçado da leitura os alunos afirmaram que:

- O papel do *xerox* criando o hábito forçado da leitura.
- Todos os professores passam por meio de *xerox*, por ser cobrado esta leitura, você acaba se oprimindo.
- Os *xerox* que são passados são complexos, de difícil entendimento, fazendo com que não haja um incentivo à leitura.
- Através dos *xerox* para provas e trabalhos, me torno um leitor.

Com relação a essa análise, percebe-se que os alunos precisam ler os textos para realizar provas e trabalhos e não, simplesmente, pelo prazer da leitura. Muitos textos, inclusive, não se adequam ao nível de compreensão do aluno. Além disso, a fragmentação dos textos auxilia na dificuldade de compreensão dos alunos:

- Deveria ser mais incentivada pelos leitores em livros e não apenas em textos fragmentados.
- Os textos são fragmentados, sem referência, e não há motivação para leitura além da obrigação.
- Na maioria das vezes lemos apenas partes dos textos, quase nunca os textos inteiros.
- Contribui razoavelmente; por mais que incentive, às vezes fica somente com algumas partes dos livros com as cópias.

Por outro lado, há alunos que afirmaram que o *xerox* auxilia na leitura:

- Porque a leitura dos *xerox* é necessária para a compreensão da matéria, com melhor compreensão do assunto abordado.
- Sim, porque você acaba tendo que ler muito e vai se acostumando com isso.
- Como temos que ler os *xerox*, criamos o hábito da leitura e da curiosidade dos temas explorados.
- Contribui, pois frequentemente temos que ler textos utilizados em aula e livros complementares.
- Com tantas indicações para leitura, as pessoas vão adquirindo o hábito de ler.

Além desse fator, chamam a atenção os tópicos levantados a respeito do papel da universidade na formação de leitores.

A Universidade

A grande maioria dos alunos afirma que a Universidade tem contribuído para sua formação como leitores, conforme pode ser visto abaixo:

- Ela contribui sim para nos tornarmos bons alunos, pois em nosso curso é importante a leitura.
- Com os textos indicados e usados pelos educadores, notei uma melhor compreensão na leitura deste o início do curso, mas facilidade.
- O incentivo da universidade é excelente.
- A Universidade proporciona um grande estímulo à leitura.
- Sim, ela estimula muito a leitura, o que é fundamental para a nossa formação.
- A Universidade disponibiliza todos os livros e textos.
- A Universidade disponibiliza todos os meios necessários e os textos.
- Para ter um bom desempenho na Universidade, se faz necessária a leitura. A universidade dispõe de biblioteca, projetos entre outros meios de estudos.

É preciso frisar, ainda, que houve aqueles que perceberam a leitura na Universidade como uma obrigação:

- A Universidade contribui porem nem sempre o necessário, é uma "obrigação" e não um prazer.
- Somos obrigados a ler, com isso acabamos pegando o hábito.
- Ela não nos incentiva muito, pois nos dá textos extremamente complexos.

- Muitas vezes não, pois os textos não são de meu interesse.

Estes alunos afirmaram que a Universidade traz textos complexos e de difícil compreensão, além de não ser leitura prazerosa. Nesse momento, também observamos que alguns alunos concluíram que a Universidade contribui para a formação de leitores, mas que precisa de melhorias. Infelizmente, não foi explicitado de que forma se pode melhorar nesse aspecto.

O aluno e o professor

Em relação ao aluno, sabemos que este tem um papel fundamental no desenvolvimento do hábito da leitura, e fazer que esta se torne prazerosa. Em relação a este tópico, os alunos argumentaram que:

- A Universidade oferece acesso necessário ao estudante nas bibliotecas, que são bem equipadas. Porém é o aluno que tem que ir atrás dos livros de seu interesse.
- A Universidade exige muito dos estudantes, porém depende destes se dedicarem. Para obter uma boa formação, mesmo não gostando muito, torna-se necessária a leitura, pois irá ampliar seus conhecimentos.
- A pessoa que tem que ter o interesse.
- Creio que contribui, mas depende também do interesse do universitário pela leitura.
- Os professores sempre dão opção de livros para lermos.
- Eles dão textos até demais para os universitários.
- Pois, temos os textos impostos pelos educadores.
- A maioria dos professores trabalha textos cansativos e quase não tenho tempo para ler.

Para fins de análise, percebemos, pelas opiniões acima expressas, que todos têm sua parcela para o desenvolvimento da leitura, a Universidade, os alunos e, inclusive, o professor, o mediador do conhecimento.

A leitura

Levando em conta a leitura, foi dito que a leitura dos textos acadêmicos incita à reflexão, possibilitando que o aluno se interesse pelo assunto, mas, muitas vezes, os textos são cansativos e os alunos apenas não leem nada além do exigido, uma vez que não há tempo para tal.

- Os textos que são cobrados, mas nada além disso.

- Porque o curso que faço, precisa de muita leitura dos textos que os professores passam na aula.
- Faz nós analisarmos, refletir sobre o que estamos lendo, nos situarmos historicamente, socialmente e não apenas ler o que está explícito ou decorar.
- Porque os assuntos que são ministrados em sala de aula me levam a interessar por outros assuntos.
- Pois os textos lidos na maioria das vezes são cansativos.
- Contribui muito pouco, por causa dos textos que são pedidos em aula para leitura.
- São indicados muitos textos, mas sempre científicos.

Referindo-se agora à questão oito, considerada aqui de extrema importância, uma vez que ela argumenta acerca dos espaços disponíveis na Universidade para a leitura, foi observado que, em sua maioria, as respostas trazem apenas a biblioteca como um espaço para a leitura, tendo, portanto, a Universidade falhado, ao não ofertar ambientes agradáveis para os alunos realizarem suas atividades de leitura.

Dando continuidade à análise das questões, dos 89 alunos que responderam a questão oito “Você pensa que a Universidade proporciona espaço de incentivo à leitura? Quais?”, 29 responderam que o único espaço disponibilizado para leitura é a biblioteca, e que, apesar de bem equipada, não é um ambiente confortável para leitura. Por isso não conseguem passar muito tempo lendo. A posição das cadeiras, a mesa, não faz com que o momento da leitura seja agradável. Outros 4 alunos responderam que a Universidade não proporciona espaços para leitura, e 1 não comentou a resposta.

Dentre o que não incluíram a biblioteca, selecionamos os trechos abaixo:

- Pouquíssimo. De forma geral e sintetizada.
- Sim, como muitos não têm tempo de ler os textos em casa, os professores deixam uns 29 minutos para leitura.
- Sim, através de projetos e grupos de estudo. Sim, incentivando a ler os textos necessários para o conhecimento do assunto.
- Os textos são cansativos.
- Sim, pois na biblioteca central há vários livros bons.
- Sim, através dos livros, textos da matéria e referências bibliográficas pelos professores.
- Penso que sim. Todas as bibliotecas do campus da UEL têm um espaço reservado, com cadeiras e mesas é o suficiente para uma boa leitura.
- Espaço tem, talvez falte tempo para alguns alunos.

Logo de início, nos chama a atenção o fato de alguns alunos realizarem leituras em sala de aula, uma vez que muitos dizem não ter tempo para realizá-las em casa, ou em outro ambiente. Em seguida, um aluno comenta que faz leitura por meio de projetos e de grupos de estudo oferecidos pelos professores. Além desses fatores, alguns alunos afirmaram

que a biblioteca é o suficiente para que efetuem a leitura, e que esta é incentivada pelos professores, apesar de alguns textos serem cansativos e do fato de que alguns professores exigem leituras para realização de provas.

Em relação à pergunta 9, “Caso existam espaços de incentivo à leitura proporcionados pela Universidade, você pensa que são bem aproveitados pelos professores? O que você considera a esse respeito”, é fato que, além de existirem os espaços para leitura, o aproveitamento destes também precisa ser proporcionado aos alunos. Enfocamos aqui a importância dos espaços de leitura e da interação entre o professor e o aluno. Podemos supor, então, que uma das razões para a falta de leitura é a falta de comunicação entre os envolvidos no processo.

Dos alunos envolvidos na pesquisa, 24 responderam que os espaços disponibilizados não são bem aproveitados quanto deveriam, pois os professores trazem livros que eles escolhem e não há tempo para a leitura que é apenas trabalhada em sala de aula, além da falta de incentivo por parte dos professores, posto que estes não aproveitam o tempo em sala ou os espaços disponíveis. Além disso, só há a preocupação com a leitura, e não com o ambiente em que esta será desenvolvida.

Por outro lado, alguns alunos colocaram que os educadores tentam, dentro de suas limitações de tempo/espaço das aulas, indicar e propiciar o ato da leitura. Mas, existe falta de interesse por parte dos alunos, pois os interesses dos alunos precisam falar mais alto.

Em relação à biblioteca, 19 participantes afirmaram que esta influencia na leitura, mas que o espaço não é bem aproveitado. O restante dos alunos, 25, afirmaram que os espaços são bem aproveitados para leitura e para a compreensão do conteúdo da aula. Fazem bom proveito com a utilização de livro que possuem na biblioteca, com comentários em sala e com a organização de grupos de estudo. Dos 89 alunos, 21 não responderam e 2 não souberam julgar o assunto, afirmando não possuir uma ideia clara sobre o mesmo. Podemos concluir que, apesar de existir o espaço da biblioteca, esta não é bem aproveitada e que o espaço não é suficiente para uma leitura agradável.

É sabido que a leitura, apesar de um processo complexo, também é enriquecedor. No ato da leitura, conseguimos trazer à tona pensamentos e leituras anteriores, aflorar nossa imaginação, termos ideias, criamos soluções para problemas, além de desenvolver e reconstruir significados. Quanto mais se lê, mais descobertas são feitas, pois a leitura permite que a mente se aproprie de novas noções de mundo. A leitura muda nossa visão de mundo, podendo alterar nossa forma de viver. Ler é uma maneira de se informar e dar asas aos sonhos e à imaginação, além de adquirir informações. A leitura é a essência para a vida e, por meio dela, são disponibilizados novos horizontes, abrindo caminhos aos leitores. Ao adquirirmos esse hábito, ampliamos nossos saberes, nossa visão de mundo.

Além de ampliar a visão de mundo, a leitura abre outras portas, auxiliando na formação de opiniões, na formação pessoal para melhor

convívio social, no conhecimento do mundo, na criticidade e solução de problemas, contribuindo para um melhor convívio. Por meio da leitura, ganha-se conhecimento e sabe-se o que ocorre no mundo, adquire-se o saber e o embasamento para muitas situações cotidianas.

A leitura proporciona uma visão de mundo mais ampla, com mais e melhores percepções e reflexões. Ler nos proporciona viver e reviver momentos agradáveis, reais e, algumas vezes, leva-nos a fantasias. A leitura nos desenvolve de forma cultural e nos leva a entrar em contato diferentes formas e conhecimento. Ler é descobrir, viajar, conhecer, apropriar, acrescentar, emancipar, participar. Ler é realmente viver.

Considerações

Os dados expostos nessa pesquisa procuraram ressaltar o quanto a Universidade, os ambientes proporcionados para leitura, os professores e alunos são responsáveis pelo processo de desenvolvimento da leitura. É importante ressaltar que as interpretações aqui apresentadas podem se limitar à realidade destes participantes, por esta pesquisa ser de cunho qualitativo interpretativista, o que nos delimita a pensar na realidade destes sujeitos, especificamente.

As experiências adquiridas com essa pesquisa mostraram que ser influenciado no momento de fazer uma leitura torna ou não o ser humano um ser mais crítico, dependendo do papel que o leitor assumir no momento de ler. Além disso, pode-se perceber que o ambiente é essencial, uma vez que, quando se está confortável, a leitura tem a possibilidade de ser mais proveitosa. Outro fato a ser salientado, foi a escolha dos temas para discussão, que agiu em favor da pesquisa, uma vez que estes agem de forma direta no ato de ler.

Ao longo da discussão, ficou evidente o quão complexo é o tema em questão, uma vez que temos as mais diversas opiniões a respeito da leitura. Contudo, a partir das análises feitas, podemos concluir que os alunos, em sua maioria, têm acesso à leitura por meio da internet, ou na Universidade, mais especificamente, na biblioteca, que se torna o único espaço disponibilizado para a leitura na Universidade. Mais ainda, alguns momentos de leitura são propiciados dentro do ambiente universitário, segundo os alunos, tais como projetos, estudos em grupo e momentos de aula.

No entanto, fica evidente pelas respostas encontradas ao longo da pesquisa que esses espaços não são suficientes e que, para se tornar um professor leitor, quebrando as barreiras da leitura obrigatória, não basta apenas a leitura feita para a universidade.

Assim, torna-se essencial propiciar aos alunos experiências motivadoras com a leitura, pelas quais muitos não passaram na infância no momento da escolarização. Esta parece ser uma alternativa encontrada para poder cumprir com a função social da leitura, não apenas a imposta

pela sociedade em geral, mas aquela que o indivíduo faz por prazer, para se tornar um ser pensante e livre. O que se percebe, também, é a influência familiar, essas vozes constituintes não somente na formação de identidade pessoal, mas também na formação de identidade profissional, uma vez que pais não leitores criam filhos não leitores.

A passagem do aluno a professor encontra-se marcada por uma interação por vezes conflituosa, complexa e repleta de práticas. Essas interações porém, devem ser capazes de mudar e moldar essa identidade. Assumindo que ser professor envolve um processo e que, ao longo desse processo, mudanças são inevitáveis, acreditamos que estas devem ocorrer para a melhoria do indivíduo, e não para torná-lo um profissional frustrado.

Nesse trabalho, pretendeu-se perceber de que forma se dá o acesso à leitura pelos alunos, e em quais ambientes e quais meios a universidade tem proporcionado para momentos de leitura. O que se percebeu, com o resultado das análises dos questionários, foi que se torna necessária a construção de novos ambientes acessíveis aos alunos, com materiais didáticos e livros com temas relevantes, além de centrais de livros e de cursos virtuais, que tragam informações diárias sobre o que acontece no centro acadêmico, construindo-se, assim, um espaço de ensino-aprendizagem com espaços de interlocução que exercerão papel fundamental na formação dos sujeitos.

Referências

- ALVERMANN, D. E., Dillon, D. e O'Brien, D. *Discutir para compreender: O uso da discussão em sala de aula*. Madrid: Aprendizaje-Visor. 1990.
- BUTLER, K.A. How heads learn: what theorists say. *Learning*, v.17 (4), p.30-43, 1988 apud DRUMMOND, R.J. & STODDARD, A.H. *Learning style and personality type*. *Perceptual and Motor Skills*, v.25, 1992.
- CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. *Teachers' Professional Knowledge Landscapes*. New York: Teachers' College Press, 1995.
- FELDER, Richard M. (2002). Home Page. Disponível em: <<http://www4.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/RMF.html>> Acesso em janeiro 2012.
- GERALDI, João Wanderley (org.) et al. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ed. Ática. 2003.
- KEEFE, J.W. *Learning Style Profile Handbook: accommodating perceptual, study and instructional preferences*, v.2, Reston, V.A.: National Association of Secondary School Principals, 1989.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARSON, F.P. *Crenças sobre o papel do gênero na aquisição de língua estrangeira - inglês em uma escola de línguas*. 2007. Monografia (Especialização em Formação de Professores de Língua Estrangeira - Língua Inglesa) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

MATTOS, A. M. A. O professor no espelho: conscientização e mudança pela auto-observação. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.2, n.1, 2002.

OLIVEIRA, A. L. M. Tensão colaborativa: um modelo discursivo para integrar teoria e prática na formação docente. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Brasil, vol. 10, núm. 1, enero-marzo, 2010, pp. 227-248.

OLIVEIRA, Claudia Chueire. A ação docente sob o foco da formação. In. OLIVEIRA, Diene Eire M. Bortotti. *Formação de professores e ensino: aspectos teórico-metodológicos*. Londrina, UEL. 2011.

OLIVEIRA, Diene Eire M. Bortotti. Pesquisa e conhecimento em tempos de internet. In. *Formação de professores e ensino: aspectos teórico-metodológicos*. Londrina, UEL. 2011.

PENNA, Alessandra Costa. *Estilos de Aprendizagem e ambientes de ensino: Estudo comparativo dos estilos verbalizados e verbalizador nos contextos presencial e a distância*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2007.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 63-77.

TORRES, Rosa Maria. *Que (e como) é necessário aprender: Necessidade básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares*. 7.ed. Campinas, SP. Papirus, 2005.

UNESCO OREALC. *Projeto principal de educação na América*. Boletim n° 24, Santiago. 1991.

WITTROCK, M. *Student's thought processes*. In. M. WITTROCK. Ed. *Handbook of research on teaching*. p. 297. New York. Macmillan

Sobre as autoras:

Sandra Aparecida Pires Franco é Doutora em Letras, Mestre em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Cristina Molinari é graduada em Letras e Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Enviado em: 16-02-2013

Aceito para publicação em: 20-11-2013